

RAQUEL GUTIÉRREZ: interdependência, feminismos, lutas pelo comum e disputas por horizontes críticos no pós-pandemia

María Raquel Gutiérrez AGUILAR¹
Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP)

Ana Maria Motta RIBEIRO²
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Hugo Belarmino de MORAIS (TRAD.)³
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Diana Patricia González FERREIRA (TRAD.)⁴
Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP)

¹ Professora de Sociologia na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Formação em filosofia, matemática e ativismo. A sua investigação e ativismo abordam a experiência das lutas indígenas e camponesas na América Latina nas décadas de 1980 e 1990, reformulando-as em termos de um horizonte “popular-comunitário” nas mudanças sociais e políticas mais recentes, incluindo perspectivas do feminismo latino-americano e as lutas pelo comum. Entre suas publicações estão *¡A desordenar! Por una historia abierta de la lucha social* (Chamada à desordem: por uma narrativa aberta da luta social, 1995), *Ritmos de Pachakuti: Revolta Indígena e Poder Estatal na Bolívia* (2014) e *Horizontes comunitários-populares* (2017). – E-mail: raquel.gutierrezaguilar@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7789-4127>.

² Professora do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD/UFF) e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas “Observatório Fundiário Fluminense-UFF” (OBFF) – E-mail: an_motta@id.uff.br – Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2761-3539>.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas - PPGDH da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD-UFF) com Doutorado Sanduiche na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP), no México, apoiado pelo Programa de Doutorado Sanduiche no Exterior (PDSE-CAPEs). Coordenador do OBUNTU - Observatório Interdisciplinar e Assessoria em Conflitos Territoriais. Integrante do Grupo de Pesquisa “Observatório Fundiário Fluminense” (OBFF-UFF) – E-mail: hugobelmorais@gmail.com – Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2733-5412>.

⁴ Licenciada em Psicologia e Pedagogia pela Universidad Pedagógica Nacional de Colômbia (UPN). Mestre em Sociologia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanidades (ICSyH) da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP). Atualmente, doutoranda em Sociologia no ICSyH-BUAP. Possui experiência em trabalho pedagógico tanto na educação formal quanto em processos comunitários, populares e indígenas, desde a primeira infância até a formação universitária; além de atuação psicossocial com vítimas em áreas rurais e urbanas na Colômbia. Integra o coletivo La Alfarería, que cria um espaço de trabalho artesanal de criatividade feminista e antipatriarcal em pesquisa, a partir de distintas geografias da América Latina – E-mail: dipagonfe@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9367-0406>.



Raquel Gutiérrez (foto concedida pela autora)

Entrevista realizada de forma virtual em 25 de fevereiro de 2025.

Uma das vozes mais destacadas nas lutas feministas e anti-patriarcais em defesa da vida no nosso continente, Raquel Gutiérrez Aguilar é o que se pode definir como uma intelectual orgânica insurgente: Ativista e pensadora aguçada, com uma longa carreira militante por onde passou, sempre se dedicou a fornecer elementos de compreensão analítica sobre as lutas feministas e por autonomia para defender a reprodução da vida, levadas a cabo em múltiplas geografias, contra os projetos extrativistas, capitalistas, patriarcais e neocoloniais.

Raquel foi cofundadora e integrante do Exército Guerrilheiro Tupac Katari (EGTK), que atuou na Bolívia entre o final dos anos 1980 e 1992. Por esta participação chegou a ser presa por cinco anos no Centro de Orientación Femenina de Obrajes em La Paz, acusada de terrorismo. Em 2000, participou ativamente do levantamento comunitário-popular em Cochabamba, que ficou conhecido como a “Guerra da água”.

Retornando ao México em 2001, se dedicou a diversas iniciativas que integravam o ativismo social e político com a reflexão teórica militante: Centro de Estudios Andinos y Mesoamericanos (CEAM), Casa de Ondas, Experimento Editorial Pez en el Árbol, entre outros. Raquel Gutiérrez também se dedicou a escrever sua tese de doutorado, onde reflete sobre o processo social de levantamento e mobilização indígena, camponesa e obreiro na Bolívia, que depois se tornará livro: “Los ritmos Del Pachakuti: Movilización y levantamiento indígena-popular en Bolivia (2000-2005)”, de 2008. Com intensa atividade intelectual, individual e coletivamente, Raquel Gutiérrez foi consolidando um campo teórico-prático de estudos para

RAQUEL GUTIÉRREZ

pensar e fortalecer os esforços de produção, defesa e reprodução do comum em distintas experiências sociais na América Latina/Abya Yala.

Tornando-se professora na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP), Raquel Gutiérrez fundou, junto com as Professoras Mina Navarro e Lucía Linsalata o Seminário Permanente “Entramados comunitários y formas de lo político”, com especial diálogo entre as lutas feministas, a ecologia política, as disputas territoriais e as reivindicações plurais por autonomia, fornecendo não só chaves de compreensão para a dominação e expropriação capitalista-patriarcal-colonial-racista, mas também apontando horizontes e desafios das resistências comunitárias e populares. Outras produções desta época estão reunidas no seu livro “Horizontes comunitario-populares: Producción de lo común más allá de las políticas estado-céntricas”, publicado em 2017⁵.

Tivemos a satisfação de conviver mais diretamente com o Seminário coordenado por Raquel, Mina e Lucía na cidade de Puebla. Entre setembro de 2018 e fevereiro de 2019, Hugo Belarmino de Moraes realizou parte de sua pesquisa de doutorado na Benemérita Universidad Autónoma de Puebla (BUAP), através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da CAPES (PDSE-CAPES), sob a tutoria de Raquel. E entre outubro de 2018 e fevereiro de 2019 a Professora Ana Maria Motta Ribeiro também realizou intercâmbio institucional na cidade de Puebla como Professora Visitante da Pós-graduação em Sociologia da BUAP. Deste intercâmbio e trocas acadêmicas entre Brasil e México foi elaborado um Dossiê Temático intitulado “Por una sociología desde abajo”, publicado na Revista Confluências no Volume 21, nº 2, em 2019⁶.

Embora mantenha um contato direto e contínuo com o Seminário “Entramados comunitários y formas de lo político”, Raquel não está mais vinculada formalmente à BUAP e atualmente vive na Cidade do México, dedicando-se a uma nova iniciativa, o semanário digital ojala.mx⁷. Ela explica alguns dos motivos dessas mudanças recentes na entrevista, que foi realizada pelos próprios Hugo Belarmino de Moraes e Ana Maria Motta Ribeiro em formato virtual, em 25 de fevereiro de 2025. A entrevista foi traduzida por Hugo e por Diana Patricia

⁵ Disponível em: https://traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Horizontes%20comunitario-populares_Traficantes%20de%20Sue%c3%bls.pdf.

⁶ Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/issue/view/1852>.

⁷ Disponível em: <https://www.ojala.mx/es/acerca-de>.

González Ferreira⁸, investigadora colombiana que está concluindo seu doutorado também na BUAP, a quem agradecemos pelo cuidado e atenção na tradução e revisão.

Do período de intercâmbios - acadêmicos, políticos e afetivos - já se passaram sete anos (2018 a 2025), com mudanças de governos e uma pandemia mundial. Muitas mudanças mas também muitas permanências. O que pensar destes tempos difíceis? Quais aportes teórico-políticos podemos utilizar para qualificar nossa atuação militante neste mundo de transformações e contradições? Com poucas de suas produções traduzidas para o português⁹, seu pensamento e atuação continuam ainda pouco conhecidos entre o público brasileiro.

Esta nova entrevista, é, pois, ao mesmo tempo um reencontro e uma reverência pela amizade construída entre Ana e Raquel, ambas orientadoras de Hugo, num momento de celebração. É também um convite às leitoras e leitores para conhecerem algumas das ideias dessa orientadora, professora, amiga e exemplo de intelectualidade orgânica. Esperamos que gostem e desfrutem.

Introdução

Ana: Raquel, inicialmente, muito obrigada por aceitar este convite para esta entrevista junto com o Hugo. Estamos organizando um Dossiê, similar ao Dossiê que co-produzimos no México junto com Mina Navarro, Lucía Linsalata e você. Assim, esse Dossiê vai ter a transcrição de algumas aulas que organizamos no segundo semestre de 2024 e alguns outros textos, com uma entrevista internacional contigo. Porque você para mim é uma dessas companheiras com quem aprendo e que me ajuda a ter melhores ideias sobre a “Sociologia em Crise”. Portanto, é uma honra saber que você vai fazer parte deste projeto de publicação, sobre nosso projeto coletivo e plural, tentando mostrar ao mundo o que é uma sociologia plural, diversa e crítica; que não só é possível, mas que deve formar suas reproduções e legados.

⁸ Diana Patricia González Ferreira é formada em Psicologia e Pedagogia pela Universidade Pedagógica Nacional da Colômbia UPN; Mestrado em Sociologia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas ICSyH da Universidade Benemerita Autónoma de Puebla BUAP; atualmente aspira ao doutorado em Sociologia no ICSyH-BUAP.

⁹ Exemplo de tradução de seu texto sobre política no feminino, publicado na Revista Ideação: Cf. AGUILLAR, R. G. POLÍTICAS NO FEMININO: TRANSFORMAÇÕES E SUBVERSÕES NÃO CENTRADAS NO ESTADO. Revista Ideação, Feira de Santana, v. 39, pág. 223, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/4576>; e outra entrevista, publicada na Revista Trabalho Necessário: Cf. RIBEIRO, A. M. M. RAQUEL GUTIÉRREZ: A PESQUISADORA DO “COMUM” E DO FEMININO EM LUTA NA AMÉRICA LATINA. Revista Trabalho Necessário, [s. l.], v. 36, pág. 235–247, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/42794>.

RAQUEL GUTIÉRREZ

Raquel: Que lindo projeto, Ana. Eu gosto disso, como você falou. Eu acho que saber que a gente já tem um legado estabelecido me dá muita tranquilidade. Isso é também o que eu sinto, e sentia. Por isso, na Universidade, eu sentia que o legado estava feito e queria me dar o tempo de fazer outras coisas nestes anos que ainda tenho força. Tenho menos energia do que quando tinha 40, como você disse Hugo (que é menos do que quando você tinha 20), mas ainda posso fazer muitas coisas, sobre uma base maior tranquilidade; quer dizer, de saber um pouco o que fiz e de me dar um lugar. Isso me agrada, Ana, me agrada o que você está fazendo, acho que é muito importante, muito valioso.

Ana: Você tem me ensinado sobre sua preocupação com os fatos recentes. Eu tenho o foco muito centrado em incluir neste Dossiê uma reflexão sobre o estadocentrismo. Quero confessar-lhe que quando estive lá no México com vocês senti muita vergonha, porque minha sociologia naturalizava muito o Estado como parte do tecido social. Só depois do México pude separar as coisas e olhar a sociedade como um ente vivo, que é o verdadeiro objeto de estudo da teoria. E é aí onde deve recair a verdadeira ênfase da reflexão. Isso me impactou muito e esse é o centro da reflexão que eu gostaria de lhe perguntar. Mas você me disse que atualmente está bastante concentrada em compreender o momento atual. Portanto, dou-lhe a palavra para que exponha o que desejar quando a isso também.

Hugo: Permita-me um apontamento. Gostaria de perguntar e pensar nestas continuidades, ou nas reflexões mais contemporâneas sobre o que fizemos no México há aproximadamente seis anos. De fato, tivemos uma pandemia durante este período; aqui no Brasil, a pandemia e o governo Bolsonaro geraram também mudanças no processo de refletir criticamente, tomando como referência os estudos que fizemos no México. Por exemplo, sobre os estudos comunitários, sobre as lutas pelo comum, que tem produzido uma ampliação muito importante para nossos estudos aqui e continuam produzindo seus efeitos. Mas, seis anos depois, temos outras questões, e eu gostaria de aproveitar esta apresentação inicial para que você possa abordar estas novas perspectivas. Ou o aprofundamento das perspectivas que já temos e como se reflete agora na atualidade, junto com a reflexão que a Ana formula sobre o estadocentrismo, ou as críticas ao estadocentrismo.

RAQUEL GUTIÉRREZ

Ecologia Política, interdependência e críticas ao estadocentrismo

Raquel: Começo pela temática que Hugo propõe, em relação ao que aconteceu desde que estivemos juntos entre 2018-2019. Um período de quase 7 anos que vou recapitular sob dois ângulos. Primeiro, um panorama dos diálogos que nós continuamos estabelecendo, enriquecendo os debates internos do Seminário. Depois, um rápido relato também de alguns marcos relevantes de luta que ocorreram ao longo desses anos.

Durante este período, sustentamos um debate mais profundo com as Ecologias Políticas do Sul, em particular com *Horacio Machado* da Universidade de Catamarca, no norte argentino. Mas não apenas com ele, também revisamos com cuidado elementos dos debates mais significativos da ecologia política marxista. Estudamos o trabalho do historiador e economista Jason Moore, sobretudo seu livro sobre “O Capitalismo na Trama da Vida”.

Moore faz uma história interessante da reorganização ecológica, metabólica, das trocas de matéria e energia durante os séculos de desenvolvimento do capitalismo. Ele descreve e analisa os grandes processos de transformação, não só nas relações sociais mas na trama da vida em seu conjunto desde o século XVI. Há um elemento muito interessante nesse debate: *Jeremy Foster* havia proposto a ideia de “*fratura metabólica*” que o desenvolvimento do capitalismo levava a cabo na trama da vida; Moore, por sua vez, propõe que o que ocorre é uma reorganização de tais processos metabólicos ao longo dessa história. A nós, a postura de Moore nos chamou a atenção, pois em nosso próprio estudo das tramas comunitárias havíamos documentado as variações e alterações na trama da vida em seu conjunto. Ou seja, conhecíamos localmente, em diversos casos, como se reorganizaram determinados processos metabólicos. Quando estávamos estudando tudo isso, ocorreu a pandemia e o confinamento em 2020.

Durante aqueles meses muito confusos do começo da pandemia, nos aproximamos e trabalhamos intensamente a *noção de interdependência*; a qual se ligava a uma parte relevante dos argumentos que havíamos desenvolvido anteriormente, em relação aos *entramados comunitários e às formas do político*. E nós começamos a compreender sobre essas *formas do político*, como modos específicos de estabelecer e equilibrar relações de interdependência na trama da vida. Dessa perspectiva, que amplia o leque de assuntos aos quais damos atenção, voltávamos a constatar o descentramento do Estado em todo o argumento. Ou seja, ao atentar para a reorganização do conjunto de fluxos de matéria e energia que organizam a trama de interdependência no tecido da vida, se transcende/desborda a questão do Estado no terreno do

RAQUEL GUTIÉRREZ

político. Assim, continuamos a aprofundar a crítica, que já havíamos avançado em relação à disjuntiva “estatalismo-antiestatalismo” e ampliamos nossa compreensão, numa postura que rejeita o estadocentrismo.

Para dizê-lo de maneira esquemática, *olhando desde a trama de interdependência no tecido da vida e recuperando as disputas por modos muito diversos de gestão da interdependência, os assuntos relativos ao Estado não ficam no centro*. O Estado como realidade social, o Estado como sedimentação de lutas passadas e também como ferramenta do capital ocupa um lugar muito contraditório. Relevante, mas não central nas disputas pela gestão da interdependência. Naquela época, *Diego Castro*, um colega uruguaio que estudou conosco — e que vocês conheceram — já havia terminado sua tese de doutorado sobre a temática, que posteriormente foi publicada sob o título “*Mandato y autodeterminación: Pistas para desarmar la trampa estadocéntrica*”¹⁰. Por nossa parte, realizamos um primeiro trabalho de articulação conjunta, ampliando nossas chaves de investigação no Número 63 da Revista Ecología Política¹¹.

Então, o que nós começamos a documentar e entender no momento da pandemia foi (e esse é talvez o aporte sobre o qual temos trabalhado): como iam se conformando e reorganizando formas contraditórias de gestão da interdependência? Volto à formulação, formas contraditórias, às vezes antagônicas, de gestão da interdependência. Isso nos permitiu ter, como sempre, uma expressão de linguagem, uma formulação conceitual suficientemente ampla para conectar processos que poderiam se apresentar a nós de maneira separada e distante. Porque se você pensa, por exemplo, na forma como variou a gestão da relação estudante-professor em qualquer universidade pública na América Latina, você encontra o agigantamento da mediação burocrático-administrativa virtualizada, que é uma mediação do capital, uma mediação tecnológica geralmente privada. E sobre esse extremo ficavam perguntas: Como esse processo conseguia ser contestado? Ou como enfraquecia outras formas de gestão da interdependência, nesse pequeno nicho da Universidade? Como enfraquecia e alterava outras formas de nos articular e, sobretudo, de construir as mediações que precisávamos nos processos em que estávamos inseridos? Conseguiríamos estabelecer conexões/redes por fora da mediação

¹⁰ Disponível em: <https://bajotierraediciones.com/wp-content/uploads/2023/04/mandato-y-autodeterminacion-VF-digital.pdf>.

¹¹ Disponível em: <https://www.ecologiapolitica.info/producte/63-interdependencia/>.

dominante (ou contrariamente ou parcialmente fora), subvertendo essa mediação? Entende? E com isso pudemos nutrir nossas reflexões em outros terrenos de modo similar.

Assim, essa ampliação do olhar foi talvez o mais relevante aporte conceitual que fizemos nos últimos anos. Vocês conheceram nosso processo de trabalho criativo e de investigação, nos viram conversar e refletir juntas como um intelecto coletivo bastante potente; no qual, embora cada uma tenha sua singularidade, também consegue produzir ideias conjuntas. Reforçando umas às outras, ao constituir-nos em uma espécie de fonte coletiva capaz de desenvolver capacidades reflexivas para entender assuntos de nosso interesse. Daí que refletir sobre as diferentes e contraditórias formas de gestão da interdependência começou a nos resultar muito útil. Agora estamos terminando um livro que intitulamos “*La apuesta por lo común. Una perspectiva de la interdependencia*”. Esperamos conseguir publicá-lo no segundo semestre deste ano (2025).

Lutas em Abya Yala/América Latina e a gestão da pandemia

Raquel: Podemos agora passar ao segundo ponto que sugeri: o que aconteceu em Abya Yala, na América Latina, durante os anos posteriores à visita de vocês em Puebla? Entre 2018 e 2020 ocorreram uma quantidade enorme de lutas de defesa territorial locais que em muitas ocasiões conseguiam, ao menos, diminuir os ritmos do avassalamento e do despojo, o que obrigavam eles (capital, estado) a deter as agressões mais agudas. Isto é, usando a antiga noção que propus sobre a “recuperação da capacidade social de veto”, vimos uma desagregação de tais capacidades a níveis locais, que dificultavam, aqui e ali, os processos de expansão do capital e de recolonização de territórios. Em alguns lugares este impedimento não lograva êxito mas podíamos constatar uma tensão crescente, pois documentamos um contínuo e expansivo boicote contra processos agressivos de expansão do capital que se acentuavam na região. Ao longo de 2019, em vários países do nosso continente toda essa energia de luta se condensou, como sempre, de maneira caótica e ambígua. Isso é o que nós conseguimos ver.

Desde a Greve Geral na Colômbia, aquela mobilização que começa na zona do Pacífico e que depois se expande, que é uma greve geral muito grande, multitudinária e caótica, que está no coração da crise política posterior de todo o governo violentamente liberal do Uríbismo e seus herdeiros, ou seja, do regime militarizado de direita que entra em crise. Processo do qual, uns anos depois, surge o atual governo de Gustavo Petro, que como diz *Diego Castro*, “é um

RAQUEL GUTIÉRREZ

modo de tradução de um imenso coro de gritos rebeldes a uma prosa administrativa” que é insuficiente, embora encaminhe algumas das exigências que foram postas em jogo anteriormente.

Por outro lado, também em 2019, ocorreu o *estallido* em Santiago do Chile, aquele grande levante de gente muito jovem em Santiago, que se acendeu como uma labareda e que se estendeu por todo o país. Claro que, nesse caso, ocorreu algo muito frustrante: toda essa energia de luta foi encaminhada, muito rapidamente, para formas de reconstituição do pacto político estatal. O fechamento do momento vigoroso das lutas, em meio a uma repressão brutal, e isso não deve ser esquecido, é empurrado para a realização da Assembleia Constituinte. Embora o esforço deliberativo seja muito importante e é também dificultoso o processo de rápida articulação política que produz uma nova Constituição, o fato é que esta finalmente não foi aceita, não foi referendada como início de uma nova situação. O que me interessa destacar aqui, para além de todas as dificuldades posteriores, é o importante momento disruptivo, de intensa efervescência que altera a textura social e configura um potente momento de regeneração da capacidade coletiva na disputa de assuntos gerais.

Finalmente, durante o mesmo 2019, que outras coisas aconteceram? — para não recordarmos desse ano tão relevante no continente. Ocorre também uma grande mobilização no Equador que começa em torno da disputa histórica em torno dos preços dos combustíveis. Uma questão que parecia menor se transforma em um grande levante por onde flui toda a raiva e o mal-estar contra o processo da Revolução Cidadã. Já não estava Rafael Correa, estava Lenín Moreno na presidência que, na narrativa progressista, é o grande traidor. É capaz que ele seja, eu não discuto isso, mas durante esses levantes se produziu também um reaparecimento vigoroso de potentes energias sociais de luta que se empenharam em sacudir, em alterar e abrir novas possibilidades políticas. Menciono tudo isso pois 2019, para mim, é um ano quando voltaram a abrir-se horizontes políticos populares e comunitários realmente interessantes. E aí, bom, volto ao começo: paralelamente a todos esses sucessos, nós estávamos trabalhando com as disputas nas formas de gestão da interdependência como ferramenta teórica para refletir, com maior profundidade, sobre os caminhos *não estadocêntricos* de transformação social.

Por que e para que seguir a reflexão sobre as possibilidades não estadocêntricas de transformação social? Antes de tudo, para seguir nutrindo as capacidades políticas que se desenvolvem desde a própria sociedade e romper o ciclo da repetição que nos leva a que intensos processos de mobilização e levantes se estabilizem em governos, que não conseguem

RAQUEL GUTIÉRREZ

se desvincular da expansão de processos de acumulação de capital, processos esses que foram previamente rejeitados, impugnados e parcialmente subvertidos. O problema, para mim, continua sendo a transformação radical da política, do âmbito público com o foco nas capacidades coletivas para desorganizar, boicotar, confrontar e anular tanto os piores extremos do ataque capitalista, que privatiza e mercantiliza todos os aspectos da vida, quanto a própria dinâmica do capital. Daí que voltamos a levantar “a aposta pelo comum” e sua possibilidade de generalização em momentos de imensa devastação. Apostar pelo comum não é idêntico a instalar uma forma distinta de gestão do público, é muito mais que isso, se você coloca a lente no conjunto de processos materiais de produção e intercâmbio para o sustento da vida.

Sigamos, então, para fazer um breve repasse do que ocorreu. Em 2020, alguns meses depois da intensa constelação de mobilizações e reivindicações, de esforços coletivos desde a sociedade para *sacudir* os termos da interdependência imposta em diversos níveis, chegou o Covid 19, o confinamento familiarista, a gestão policial-sanitária e a expansão acelerada das mediações tecnológicas privadas que invadiram e reorganizaram tanto o tempo — acelerando-o — quanto os espaços — confundindo-os. Assim, me interessa enfatizar que a forma de administrar uma pandemia em 2020 foi altamente favorável para a desmobilização social.

E o último elemento que quero introduzir na análise de todas essas grandes lutas pré-pandêmicas impulsionadas *desde baixo* se refere ao processo vivido na Bolívia em 2019. Nesse ano, em outubro, foram realizadas eleições. Foi quando Evo Morales decidiu voltar a se reeleger apesar do resultado de um referendo que, em 2016, seu partido perdeu, e no qual se havia aprovado que não era admissível a reeleição indefinida na presidência. Em 2019, quando voltou a haver eleições, aconteciam duas coisas simultâneas que foram muito difíceis de desagregar dada a estratégia de polarização binária e excludente levada ao limite através da imposição da narrativa de “fraude ou golpe”.

O que, a meu ver, acontecia era que, simultaneamente, a maioria da população queria que o MAS continuasse no governo, ao mesmo tempo em que desaprovava que Evo se tornasse um presidente eterno, sobretudo porque isso contradiz e nega diretamente um princípio muito importante da política comunitária e popular que perdura na sociedade boliviana: o princípio de rotação no mando político. O que fervia no ambiente, naquela época, era um amplo desejo de revitalização da vida interna no partido, que foi bloqueada pela decisão de reeleição de Evo e seu entorno mais próximo. Foi por aí que a força da direita se infiltrou, sua capacidade midiática e suas variadas e conhecidas estratégias de desestabilização política. Por isso o caso

RAQUEL GUTIÉRREZ

boliviano foi tão confuso e se inscreveu, olhando de uma perspectiva plenamente estadocêntrica, na narrativa de “fraude ou golpe” que não consegue explicar os eventos posteriores.

A força das lutas das mulheres, dos feminismos e dos corpos dissidentes

Raquel: Passando a outro tema de grande importância, que nós também levamos em conta em nossas investigações, está o crescente protagonismo social e político das lutas das mulheres nas múltiplas ações de defesa territorial, a revitalização dos feminismos desde a América Latina e a ampliação das lutas dos corpos dissidentes. Embora esse ciclo de lutas (sob o guarda-chuva da “luta contra todas as formas de violência”) tivesse se aberto anos atrás, entre 2017 e 2020 as mobilizações e ações múltiplas e variadas - algumas extremamente enérgicas - de toda essa constelação feminista de esforços contra as violências múltiplas conectadas e reforçadas entre si, alcançaram uma capacidade de intervenção pública muito ampla.

Produziu-se também uma intensa revitalização dos debates feministas e uma profunda desestabilização da ordem de gênero, funcional ao capitalismo colonial das finanças, que é como chamamos a uma das mais potentes ferramentas estruturais, não só culturais, de organização da exploração do trabalho e do tecido da vida nas sociedades capitalistas. A energia social utilizada para impugnar o conjunto de violências concatenadas, amalgamadas, através das quais se atribuem lugares e funções na ordem social aos distintos corpos que somos; toda essa energia de luta teve a capacidade de conectar diversas problemáticas que, novamente destaque, sob outros marcos explicativos se apresentam como questões segmentadas, separadas, que mantêm e aprofundam a fragmentação das lutas.

As mulheres e outros corpos em luta, foram conseguindo trançar problemáticas e sustentaram vínculos muito diversos, habilitando dois deslocamentos que, a meu ver, são centrais e vale a pena seguir aprofundando a reflexão sobre esses êxitos. Por uma parte, de maneira muito enérgica, colocaram as questões relacionadas com a reprodução da vida coletiva e a puseram no centro de suas práticas políticas. Por outro, ensaiaram uma grande gama de formatos organizativos e renovaram os termos em que temos compreendido a articulação política durante o Século XX. Ideias como “sintonia na luta por objetivos compartilhados”, de “ressonância nas práticas organizativas”, que é capaz de “coproduzir força comum que se amplifica”, etc., são assuntos sobre os quais é muito relevante seguir investigando. E ainda mais

RAQUEL GUTIÉRREZ

agora, quando uma gama ampla de relações sociais parece desestabilizar-se por iniciativas impulsionadas pelos homens mais ricos do planeta.

Quando vocês vieram a Puebla eram anos potentes, eram anos interessantes, eram anos em que se estavam condensando as capacidades de luta anterior, cultivadas 10 ou 20 anos antes. Então, já estavam se consolidando articulações e capacidades de conexão, de produção de horizontes compartilhados muito amplos. Uma geração de pessoas muito jovens se aproximava e nutria, revitalizando, os esforços de luta anteriores. Depois, veio a pandemia, veio o grande confinamento familiarista, regressou o grande medo, impôs-se mais uma vez a pedagogia da obediência para que te salvem. Porque foi isso o que vivemos na pandemia. Esses momentos duríssimos de precarização radical, de confinamento, aborrecimento, empobrecimento, dificuldade, tristeza, dor, lutos não concluídos, etc., mas, sobretudo, o fato de esperar soluções que não estávamos com capacidade de produzir.

Continuei, pois, refletindo acerca da maneira polimorfa, heterogênea, variada, como se habilitam outras formas do político, como se sustentam no cotidiano mas também como operam suas capacidades expansivas, suas habilidades de erosão e subversão da exploração, do desprezo e da expropriação. Continua me obcecando a reflexão sobre como se amplia o alcance prático emancipatório de todos esses esforços de sustentação e reorganização social. Assim, há um fio de continuidade desde meu trabalho “*Los ritmos del Pachakuti*”, publicado pela primeira vez em 2008. Desde então, entender os alcances de uma política não estadocêntrica tem estado no centro da minha atenção. Não só como problema teórico mas sobretudo como um problema eminentemente político, dada a situação, tão pouco favorável, à qual a política estadocêntrica nos conduziu. Uma e outra vez.

Novos caminhos – Ojala.mx

Por outra parte, desde 2023 comecei a planejar minha saída da academia. A forte neoliberalização e virtualização da vida universitária após a pandemia, com sua intensificação de ritmos de trabalho e controle cada vez mais exaustivo do trabalho realizado — via plataformas — me cansou muito. Então, desde março de 2023, lançamos junto com *Dawn Paley* (uma colega que vocês também conheceram em Puebla), um semanário virtual, pequeno, humilde, mas bem feito, com imagens muito bem cuidadas e que tem conseguido de maneira

RAQUEL GUTIÉRREZ

autônoma manter a regularidade semanal. Esse semanário se chama Ojala.mx¹² e publicamos cada semana em dois idiomas, em castelhano e em inglês. Espero que possam acessá-lo e que algumas das notas que publicamos por lá lhes resultem interessantes.

Através desse trabalho, acelerei um pouco as conexões com as lutas e os esforços organizativos nos distintos países. Publicamos notas curtas sobre temas específicos guiados por três eixos: i) destacar as capacidades comunitárias, apesar da virulência dos ataques que as lutas sofrem; ii) encorajar a escrita e a voz de muitas companheiras sobre temas diversos e iii) concentrar-nos nas lutas feministas e comunitárias de defesa territorial.

Desde 2023 percebia que precisávamos aprofundar, para além da academia, alguns debates que nutriram horizontes de sentido críticos. Por isso, voltamos a um esforço para impulsionar o fortalecimento de um *sentido comum dissidente*. E agora, em 2025, atravessando estes momentos terríveis de avanço da direita, de confusão e ambiguidade, mas, sobretudo, de intensificação das agressões e violências, das guerras contra a reprodução da vida, *Ojalá.mx* nos permite manter essa voz crítica dissidente que torna visível o comunitário, suas fortalezas e problemáticas.

Ojalá.mx nos permite ir analisando os fatos e as maneiras como as disputas se apresentam de maneira mais ágil. Não é um substituto do trabalho acadêmico, é um complemento. E é também uma forma de ratificar a intenção de privilegiar o trabalho autônomo. Assim, agora rastreamos em muitos lugares como se desdobram estas duríssimas lutas em torno da gestão da interdependência na trama da vida que somos. E, através disso, seguimos a reflexão sobre a estruturação de mediações necessárias que não sejam externas — não necessariamente estatais, como gostamos de dizer — e que tenham como fundamento a garantia de sustento material e de autonomia política.

Como sempre — o que tanto conversamos com vocês quando estivemos juntos — continuamos insistindo em ampliar a compreensão dos fenômenos que não conseguíamos abarcar em sua complexidade e plenitude. Por isso, seguimos na tarefa de renovação do vocabulário, logrando em algumas ocasiões construir formulações sintéticas parciais, que ajudam a nos orientar neste mundo cada vez mais difícil. E isso temos feito em condições mais difíceis, sem possibilidade de crescer como grupo de pesquisa, com ritmos e cargas administrativas cada vez mais intensas, com limites burocráticos cada vez mais absurdos.

¹² <http://ojala.mx>.

Seguimos nos entendendo, a nós mesmas, como um dispositivo de reflexão e conexão que se preocupa com os problemas políticos, sociais e econômicos do presente.

Voltando ao princípio, os diálogos com a ecologia política e os feminismos que já mencionei nos permitiram ampliar os debates na América Latina. Agora há equipes pensando o comunitário e suas potências no Uruguai, no Chile, na Bolívia. Insistimos no esgotamento da ordem capitalista que agora, mais do que nunca, se apresenta como o arcabouço para a intermediação financeira e o despojo brutal de bens comuns e da riqueza concreta em geral.



Esta é uma ENTREVISTA publicada em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.